

RUPI KAUR: RESISTÊNCIA EM VERSOS

RUPI KAUR: RESISTANCE IN VERSES

Larissa da Silva Fernandes¹

Neste panegírico, fazemos uma *femenagem* a **RUPI KAUR** — uma das escritoras que mais atrai o nosso olhar leitor e acadêmico desde que tivemos o primeiro acesso à sua escrita *sui generis* —, há alguns anos, por meio do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, que resgata, historiograficamente, escritoras nacionais e internacionais, pretéritas e atuais que foram ou têm sido silenciadas e apagadas dos cânones literários. Apesar de muito jovem, essa beletrista é inovadora nas artes da palavra e da ilustração, utilizando-se de todos os recursos linguísticos e pictóricos dos quais dispõe para canalizar a sua mensagem.

Estudar Rupi Kaur é entrar em contato com o que une todas as mulheres: a condição humana e os desafios desse sujeito. Kaur é, em suma, uma poetisa que abre caminhos para as suas iguais e busca representar vozes femininas racializadas, especialmente no contexto de mulheres imigrantes e marginalizadas em sociedades ocidentais, sendo ela de origem oriental. Sua produção poética — marcada por uma estética minimalista, pela ausência de pontuação e pelo uso de letras minúsculas inspiradas na escrita punjabi, que é a sua originalmente —, alia uma linguagem acessível a um conteúdo emocionalmente impactante, ampliando o alcance de sua voz potente entre jovens leitores. O conjunto de sua obra suscita debates críticos sobre os limites entre a arte e o mercado, a popularidade e a profundidade literária, configurando-se como um objeto de estudo significativo para se compreender as dinâmicas estéticas, sociais e culturais da Literatura do século XXI.

De berço indiano-canadense, Rupi Kaur é uma autêntica artista do verbo, pois além de ser uma inspirada e profícua poetisa feminista contemporânea, é uma premiada ilustradora dos seus próprios livros. Essas ilustrações têm algumas características em comum: são minimalistas, feitas em traços simples de linha preta e sem sombreamentos, evocando uma estética delicada e, ao mesmo tempo, poderosa. Esses desenhos dialogam diretamente com os

¹ Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Campus da Universidade Estadual do Ceará em Quixadá (Fecesc-Uece). Especialista em Língua Portuguesa, Literatura e Artes e Educação Inclusiva com Ênfase em Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa pela Faculdade de Minas Gerais (Facuminas). Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras da Uece. Professora temporária do Município de Quixadá-CE. E-mail: silva.fernandes@aluno.uece.br.

poemas, reforçando suas mensagens e emoções, muitas vezes representando corpos femininos ou elementos simbólicos da experiência de ser mulher em um mundo falocêntrico.

Para mais, ela é também uma *influencer* pujante, que alça ainda mais alto a voz de mulheres que, como ela, têm os mesmos sentimentos amordaçados e a mesma necessidade de expô-los, e que, diferentemente dela, não tiveram ou não têm a mesma abertura midiática para fazê-lo. Seu perfil no Instagram tem milhões de seguidores e está ativo desde 2012. Basicamente, as suas postagens tratam de reflexões poéticas sobre temas como ancestralidade, imigração, amor, abuso, perda, autoconhecimento, empoderamento feminino, cura emocional e transcendência. Além disso, ela compartilha trechos dos seus livros, bastidores de apresentações ao vivo, depoimentos pessoais e ilustrações autorais que conectam visualmente suas palavras aos sentimentos que despertam.

É amplamente conhecida nas redes sociais pela atenção que atrai para si por parte de suas seguidoras e seguidores no universo *on-line* — principalmente no Instagram, como *Instapoet*, com poemas autorais publicados nessa plataforma —, no antigo Twitter (hoje denominado X) e no Facebook. Corajosa, “ousou” desafiar o hegemônico Instagram ao postar uma foto sua na cama, estando ela menstruada e com a calça do pijama manchada de sangue. Nada mais natural do que isso, uma vez que a maior parte da população do planeta é formada por mulheres e a maioria das mulheres menstrua mensalmente durante o seu período fértil — que é de aproximadamente 35 anos. Contudo, por razões sexistas, ginecófobas e religiosas, o mênstruo ainda é um tema tabu em muitos lugares do mundo, como na Índia, país que a viu nascer e onde a insegurança menstrual é uma realidade ainda bastante difícil de ser contornada.

Com a sua sensibilidade, empatia e sororidade, Rupi Kaur vem empoderando mulheres no mundo inteiro, utilizando-se de sua veia artística e das palavras, que ela tão habilmente sabe trabalhar em prol das causas que defende. Kaur encontra, na junção entre poemas, imagens e o universo digital, uma forma poderosa de atingir e ajudar outras mulheres, sobretudo as que estão vivendo algum tipo de violência ou as que se encontram no processo de autoconhecimento.

Sua escrita rompe com o elitismo literário e cria espaços de identificação, acolhimento e resistência. Sua atuação nas redes sociais amplia esse alcance, permitindo que a sua voz — e, por extensão, a de muitas outras mulheres que ela representa — ultrapasse fronteiras geográficas e culturais, promovendo conscientização, pertencimento e empoderamento entre leitoras que se veem refletidas em seus versos. Muito dessa atitude assertiva ela herdou da mãe, que sempre a incentivou e propiciou-lhe um ambiente inspirador, acolhedor e incentivador desde a infância.

Dentre seus livros exitosos, podemos citar: *outros jeitos de usar a boca* (2017), *o que o sol faz com as flores* (2018) e *meu corpo, minha casa* (2020). Neles, os versos são complexos, pois tratam de temas sensíveis que envolvem abusos contra as mulheres em todos os níveis e instâncias. Mesmo que não sejam inéditos, em seus livros, esses assuntos (machismo, imigração, identidade, solidão, violência, sofrimento, autoconhecimento e autotranscendência) propõem um pacto intimista entre Kaur e quem a está lendo. Suas palavras ressoam fortemente no público leitor e abrem caminhos para a discussão. Suas frases de efeito e estilo próprio ressignificam o conceito de representatividade e espelham o interesse de quem a lê.

A atmosfera de beleza, em sua escrita, tem amplo espaço para abraçar e debater as dores tanto individuais quanto coletivas. Ela, como influenciadora digital, e valendo-se do seu alcance midiático, da sua sensibilidade como mulher e da sua empatia e sororidade, nos incita a refletir sobre as nossas vulnerabilidades enquanto mulheres rotuladas sob papéis sociais estanques e estigmatizantes impostos não por nós, mas para nós, desde os primórdios da existência humana.

Por isso a importância de se trabalhar com escritoras como Rupi Kaur, já que nela encontramos uma outra forma de se ler e de se reconhecer a legitimidade de outros sujeitos e suas histórias, reparando a ideia historicamente construída de autoridade masculina em assuntos relacionados a gênero, etnia e classe social. Ler livros escritos por mulheres e que tratam de temáticas inerentes ao universo feminino ainda está muito longe de ser um hábito comum porque ainda não rompemos com os cânones dominantes que nos controlam; ainda temos sérias dificuldades de considerar legítimos outros discursos que não sejam os masculinos, hegemonicamente construídos pela História da Humanidade como sendo os únicos fiáveis. Destarte, ler/estudar/pesquisar obras de autoria feminina é de suma importância, uma vez que contribuem para o reconhecimento desse novo modelo de literatura contemporânea e expandem o repertório de leitura com abrangência cultural, artística e social. Além do que, ler poemas como os de Kaur, por exemplo, possibilita a reconstrução do conceito de “poesia canônica” — que não tem porque ser apenas masculina.

Finalizando este panegírico, reafirmamos a importância de se reconhecer e de se valorizar vozes como a de Rupi Kaur, que por meio de uma escrita acessível, sensível e insurgente, dá um novo sentido à experiência feminina na Literatura. Ler Kaur é um ato político, é afirmar o poder da palavra como ferramenta de cura e de luta, e é, sobretudo, contribuir para a legitimação de narrativas que historicamente têm sido silenciadas.

Que possamos continuar abrindo espaço para essas vozes — plurais, empoderadas e necessárias — na formação de um imaginário literário mais justo, inclusivo e representativo.

COMO CITAR ESTE PANEGÍRICO:

FERNANDES, Larissa da Silva. Rupi Kaur: resistência em versos. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 2, p. 91-94, maio/ago. 2025.

Submetido em: 26/11/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional